

**A FENOMENOLOGIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA MÃE DE UMA CRIANÇA
CEGA EM TEMPOS DO COVID-19: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO E
EXISTENCIAL**

Hedlamar Fernandes

hedlamarf@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9398911742741951>

Hiran Pinel

hiranpinel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4785953H4>

RESUMO: Este ensaio científico objetiva a descrever compreensivamente uma prática pedagógica realizada por uma mãe de uma criança com uma doença crônica, que se tornou cega devido essa enfermidade e se encontra em atendimento hospitalar em meio à pandemia do COVID-19. De cunho qualitativo, o presente estudo se baseia nos conceitos fenomenológicos e existenciais que se arremessam pelos discursos subjetivos relativos às experiências vividas pelo fenômeno, tais quais são percebidas por meio de narrativas. Os instrumentos utilizados foram narrativas, escutas empáticas, mensagens via Whatsapp, áudios, dentre outros realizados a partir das visitas in loco. Para a análise de compreensão de dados e embasamento da escolha pelo método fenomenológico, adotamos como fundamentos teóricos a psicologia fenomenológico-existencial de Rollo May e Paulo Freire, das quais nos apropriamos para desvelar os modos de ser vivido por uma mãe, no que diz respeito ao seu cotidiano existencial diante do filho que se tornou cego devido a uma doença crônica denominada de Craniofrangioma, além de outras vivências diárias que foram reveladas à consciência. A fenomenologia, sendo uma ciência eidética, constitui-se como método de fundamental relevância para que chegássemos à totalidade das experiências. A partir disso, esta investigação pelo modo de ser no mundo desvela a complexidade das experiências relacionais e psicológicas que a mãe sentiu durante o seu percurso ao acompanhar o filho em meio a COVID-19. A produção dos dados se deu a partir da utilização do uso do jogo de boliches (feito por ela) realizado no pátio de um hospital público e infantil, como recurso didático que possibilitou a ambos a coragem de criar, (re)inventando-se ao mundo vivido no pátio do hospital, permitindo o desvelamento da sua imaginação e revelando suas criatividade para potencializar o aprendizado fortalecendo as relações pessoais entre mãe e filho.

PALAVRAS CHAVES: mãe; fenomenologia, jogo e boliche

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

As mulheres estão decididas a mudar o mundo (FREIRE, 2015e; p. 13).

Uni-vos, homens de todos os países, formai uma única família! A mãe da vida é a afeição e não o ódio! (GORKI, p. 123).

Badinter (1985) já dizia que a educação tem um sentido mais amplo do que a instrução. É antes de tudo transmissão dos valores morais, enquanto a instrução visa a formação intelectual.

Nesta senda, de acordo com a autora citada compreendemos que um fazer é necessário, para que a pessoa possa germinar, partindo da premissa que ela provavelmente está no comando de suas ações, assumindo suas responsabilidades diante de uma prática educacional que a ela é concebida.

Sendo assim, este ensaio científico visa a descrever compreensivamente uma prática pedagógica realizada por uma mãe de uma criança com uma doença crônica, que se tornou cega devido essa enfermidade e se encontra em atendimento hospitalar em meio à pandemia do COVID-19. A descrição de seus modos de ser diante de um cotidiano opressivo, os quais incluem a prática de um jogo de boliche com o filho que necessita de cuidados, se torna um convite à reflexão sobre os modos de ser mãe de um filho com deficiência.

Para a análise e compreensão dos dados, adotamos como fundamentos teóricos a psicologia fenomenológico-existencial de Rollo May e Paulo Freire, ambos que consideram o ser no mundo, dos

1 A COVID-19 é uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2 e apresenta como principais sintomas febre, tosse seca e dificuldade respiratória. Essa doença pode iniciar como um simples resfriado, mas pode se agravar e levar à morte. Os primeiros casos surgiram na China, no final de 2019 e, em seguida, espalhou-se por diversos outros países, o que levou a Organização Mundial de Saúde a decretar, no dia 11 de março de 2020, essa doença como pandemia. A COVID-19 é altamente contagiosa, podendo ser transmitida de uma pessoa para outra, por meio das gotículas respiratórias, ou através de objetos contaminados pelo vírus. Dentre as medidas tomadas para prevenir o contágio e evitar a disseminação da doença, podemos citar a importância de higienização frequente das mãos, com água e sabão ou álcool em gel 70%, e de evitar aglomerações (SANTOS, acesso em: 01 jun. 2020).

quais nos apropriamos para desvelar os modos de ser dessa mulher e mãe, que será chamada neste ensaio de Minata. Seu filho, a quem chamaremos Naruto², se tornou cego devido a uma doença crônica denominada craniofaringioma³.

Além das obras de Freire e May, utilizaremos também outros referenciais teóricos que se reportam ao método fenomenológico de descrição, como Forghieri (2014), Pinel (2004, 2015a, 2015b, 2017, 2018), Ribeiro (1997), Augras (1997) e outros. A relevância desse método está em apresentar o ser como um fenômeno, isto é, como algo que se mostra e que necessita ser desvelado para acessarmos sua essência.

Sob esse viés, o mundo do fenômeno Minata desvelou-se como um conjunto de relações significativas à sua existência, entre as quais incluímos as dificuldades enfrentadas por ela para se reinventar diante da doença do filho e da pandemia do COVID-19. Enquanto ser-no-mundo, Minata se confronta com esses percalços, mas procura transcendê-los sempre que possível, vivendo a experiência de brincar de boliche com seu filho no pátio do hospital, numa prática que dá sentido a sua vida e a de seu filho, por meio da criatividade. O ato de realizar tal prática educativa no pátio, por ser um espaço mais aberto do hospital (que é sob o céu e a luz da lua, árvores etc.) serve como palco, tipo uma polis para denunciar, pois, jogam enquanto as coisas não se resolvem.

Nosso contato com Minata revelou novos “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2015), que nos instigaram a ir à cata dos sentimentos, emoções, desejos, raciocínios, tomadas de decisão, soluções de problemas – dentre outros aspectos “afetivo-cognitivos” que intervieram na

2 O nome vem de um personagem de anime (desenho animado japonês) homônimo e foi escolhido pela própria criança que possui a doença crônica e que é fã da animação. Já Minata é uma adaptação de “Minato”, pai de Naruto no anime. Como a criança tem um pai ausente, a função de Minato é desempenhada pela mãe.

3 O craniofaringioma consiste em tumores benignos intracranianos, que podem reaparecer mesmo após intervenção cirúrgica. Também existe a possibilidade dos tumores aderirem a estruturas circunvizinhas ao sistema nervoso central, provocando hidrocefalia (acúmulo de líquido no cérebro), dores de cabeça, problemas de visão, obesidade, disfunção sexual, fadiga, baixa estatura, e outros problemas desfavoráveis à qualidade de vida do paciente. Sintomas como *déficit* cognitivo, apatia e distúrbios de memória também podem se fazer presentes.

subjetividade de Minata não só para ajudá-la a criar essa prática pedagógica, mas que também a constituíram como ser mãe.

Nesse sentido, a questão que serviu como bússola na construção deste ensaio científico é a seguinte: o “que é” e “como é” ser mãe de uma criança que possui uma doença crônica que lhe causou cegueira e que realiza uma prática educativa em um pátio de hospital durante a pandemia do COVID-19?

2. O PROCESSO FENOMENOLÓGICO DA PESQUISA

A metodologia que adotamos nesse ensaio exige do pesquisador um contato com a vivência subjetiva do fenômeno, compreendido como ser no mundo. É necessário um contato significativo com o outro, que chamaremos de “envolvimento existencial” e que corresponde à *epoché* husserliana, a suspensão dos julgamentos e das teorizações a respeito do fenômeno:

Fenomenologia é o esforço para considerar o fenômeno como é dado. É esforço disciplinado para aclarar a mente das suposições que tão frequentemente nos levam a ver no indivíduo tão-somente nossas próprias teorias, ou os dogmas de nossos próprios sistemas. É o esforço para experimentar, em vez disso, os fenômenos em sua inteira realidade, abertura e boa vontade para escutar [...] (MAY, 1980, p. 24-25).

No “envolvimento existencial”, o fenomenólogo mergulha fundo no experienciar do outro como parte de si mesmo, já que, pelo método fenomenológico, não há dicotomias entre eu e outro: pesquisador e sujeito pesquisado são indissociáveis (PINEL, 2017). Ao mesmo tempo, esse envolvimento não significa perda da criticidade, pois a *epoché* implica também num distanciamento reflexivo, entendendo “reflexão” não como um raciocínio abstrato sobre algo, mas como a captação do sentido tal como vivido pelo outro.

Trata-se, portanto, de uma atitude que podemos chamar de “naturalidade disciplinada”, pois parte de uma apreensão espontânea da realidade, mas que, precisamente por isso, preocupa-se em afastar dessa “espontaneidade” tudo aquilo que é tratado como “natural”, mas que, na verdade, constitui uma série de compreensões prévias do vivido. É nessa articulação entre distanciamento e envolvimento com o fenômeno que encontramos a potência do método fenomenológico:

A pesquisa fenomenológica, vinda da Filosofia, ao se portar na Psicologia, Pedagogia, e Educação, muda seus rumos originais, reinventa-se. Nessa perspectiva, o método fenomenológico que descrevemos é uma inspiração; ele não é a Filosofia, mas uma Psicologia. E nesse contexto é que a Psicologia Fenomenológica apregoa que na produção do seu conhecimento devem existir dois movimentos, indissociados, inscrustados, que podem estar no ser (sendo) junto (com) ao outro no mundo do investigador: [1] o envolvimento existencial (*epoché* ou suspensão) e [2] o distanciamento reflexivo (*eidós*) (PINEL, 2018, n.p.)

Sendo assim, o método fenomenológico de pesquisa será o mais apropriado para o desenvolvimento do tipo de estudo que nos propomos a realizar, pois esta é uma abordagem que permite um desvelamento da experiência tal como se manifesta na vivência cotidiana e imediata de Minata, que está sujeita à facticidade da existência. De fato, Pinel (2018) pontifica que a pesquisa fenomenológica entende a pessoa enquanto presença no mundo, “mundo” aqui compreendido não como um conjunto de objetos, mas como uma multiplicidade em constante devir, como “mundo da vida” (o *lebenswelt*, como diria Husserl).

Assim, no decorrer desse estudo, o sujeito da pesquisa foi desvelado como um ser no mundo que está sempre em movimento (PINEL, 2015), um sujeito encarnado dentro de uma determinada realidade sociopolítica, histórica e existencial:

[...] o homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os seus efeitos de sua própria transformação (FREIRE, 2015c, p. 101).

Nessa senda, analisaremos a prática pedagógica de Minata, levando em conta fatores como a pandemia da COVID-19, o lugar social de Minata como mulher empobrecida e sujeita ao descaso das autoridades governamentais durante a pandemia, a situação de Minata como mãe de filho com deficiência, o lugar onde foi realizada a prática pedagógica (isto é, o pátio do hospital), dentre outros fatores que ajudam a “encarnar” aqui e agora o fenômeno Minata.

3. O DESVELAR DA PRÁTICA EDUCATIVA NO PÁTIO DO HOSPITAL

Etérea rosa materna
nos laços do físico plantada.
Há uma manutenção do corpo-criança,
mas, há um crescer da inteligência de ambos.
Uma etérea rosa do jogo de boliche,
uma educadora debruçada na pedagogia do filho.

Ousada inventividade busca coletiva ação materna,
a coragem de ser na vida amada.
O menino trabalha cognição pelo objeto
e a mãe se sente tocada:
As inteligências “criam a brisa pelo movimento.”⁴

Para compreender a prática pedagógica de Minata, torna-se necessário, primeiramente, compreender em que lugar e tempo o sujeito está situado para, a partir daí, termos condições de acessar uma teoria e empregá-la com sabedoria, pois, “se não tomamos conhecimento desse ‘lugar’, arriscamo-nos a um maltrato da técnica, a um exercício meramente errado [...]” (RIBEIRO, 1997, p. 13).

Assim, o presente estudo se materializou a partir de uma prática pedagógica realizada no pátio de um hospital, num momento em que tanto ela quanto o filho estão vulneráveis ao coronavírus, já que lhes falta a vacina. Mãe e filho sofrem na pele o descaso do Estado, seja pelo sucateamento do sistema público de saúde, levado a cabo principalmente a partir de 2016⁵, seja pela má atuação do governo brasileiro durante a pandemia da COVID-19.

Além disso, outras decisões do governo federal que não dizem respeito à pandemia propriamente ditam acabaram por afetar o cotidiano existencial de Minata e Naruto, como por exemplo a nova Política Nacional de Educação Especial (PNEE), publicada em setembro de 2020, que abre um precedente para ampliar a matrícula de alunos com deficiência em escolas especiais, dificultando a inclusão⁶.

4 O poema foi produzido pelos autores durante a orientação do doutorado.

5 Desde 2016, o Sistema Único de Saúde (SUS) vem sendo sucateado graças à Emenda Constitucional (EC) nº. 95, mais conhecida como Emenda Constitucional do Teto dos Gastos, que estabelece uma limitação dos investimentos públicos em áreas como Saúde e Educação. Por conta da EC 95, “o orçamento para a Saúde tem diminuído cada vez mais. Somente em 2019, a perda de investimentos na área representou R\$ 20 bilhões, o que significa, na prática, a desvinculação do gasto mínimo de 15% da receita da União com a Saúde” (BRASIL, acesso em: 13 maio 2021).

6 Segundo Taís Ilhéu (acesso em: 27 jun. 2021), essas alterações na Política Nacional de Educação Especial (PNEE), tendem “a incentivar a matrícula de pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação não em escolas regulares, mas em ‘escolas especiais’, onde só estudaria o público-alvo da PNEE. A medida também facilita a transferência de verbas governamentais para essas instituições.”

Nesse sentido, a prática educacional desenvolvida no pátio de um hospital infantil e público em meio à pandemia do COVID-19 é um ato de resistência diante das dificuldades que sofre Minata, mulher empobrecida e mãe de filho com deficiência.

Freire (2015b, p. 95) ressalta que “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente ‘lido’, ‘interpretado’, ‘escrito’ e ‘reescrito’”. Assim, ao escolher o hospital como espaço e tempo para sua prática pedagógica, Minata enquanto ser no mundo desvela que a educação é um processo permanente na existência humana e que não é exclusivo do espaço escolar.

Isso significa que o hospital, além de assegurar o atendimento à assistência médica, mesmo com todas as dificuldades provocadas pela perda de investimentos na saúde, passa a se caracterizar também como um espaço de educação, possibilitando, assim, aprendizagens que surtem efeitos de sentido para aqueles indivíduos que necessitam frequentá-lo e que, por isso, acabam afastados do convívio social por causa da internação. Por isso, a prática pedagógica em tal ambiente desvela um mundo de possibilidades para a figura materna e para a criança, pois o brincar os reabilita da “paralisia” que o espaço do hospital provoca.

Ao mesmo tempo, trata-se de uma prática educativa realizada por uma mãe, isto é, aquela de quem “a criança receberá suas primeiras lições sobre como ser humano” (BUSCAGLIA, 2010, p. 118). Trata-se, portanto, de uma prática pedagógica que envolve o cuidado e o respeito ao outro, na qual a autoridade se revela sem tirania: “segura de si, a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer o discurso sobre sua existência, sobre si mesma.

Segura de si, ela é porque tem autoridade, porque a exerce com indiscutível sabedoria” (FREIRE, 2015b, p. 89). Sob essa perspectiva, compreende-se que a educação construída pela figura materna não é transferência de saber de uma autoridade que é dona do conhecimento para um aluno em posição hierárquica inferior, mas um encontro entre sujeitos através do diálogo. Assim, dialogando com o outro, Minata se permite desenhar, na medida do possível, um mundo menos feio e, desse modo,

transcender a situação imediata, pois “a existência está sempre em processo de autotranscedência” (MAY, 1988, p. 157).

Quanto à prática educacional planejada pela figura materna, trata-se de um jogo de boliche composto por seis garrafas de refrigerante de 600 ml, transparentes e enumeradas de um a seis, que servem como pinos. A bola, improvisada por Minata, é feita de meias. O jogo não foi escolhido por acaso, já que ele permite o aprendizado de operações matemáticas simples, exercita a coordenação motora e a noção de espaço etc. Com efeito, Kishimoto (2002) afirma, a respeito da dimensão cognitiva do jogo de boliche:

Ao jogar boliche a criança pequena tem como analogia um padrão de medida representado pela garrafa que derruba. A relação biunívoca aparece de forma intuitiva na relação ainda confusa entre a queda dos alvos e sua quantidade, quando pode ocorrer uma primeira tentativa de construção do conhecimento (p. 144).

O pontapé inicial da prática educativa se dá quando a mãe diz: “*Calma, filho, tô aqui colocando as garrafas para você jogar a bola igual uma bala para derrubar todas elas de uma vez.*”. Enquanto isso, Naruto permanece sentado longe das garrafas, manuseando a bola. Ao interagir com o filho, a mãe fez-se presença na vida dele, estimulando-o a “ser mais” e assumir sua vocação ontológica, conforme pontifica Freire (2015a): “*Filho, eu estou aqui, joga essa bola e acerte todas de uma vez. Vamos, filho, você é capaz.*”. Minata não vê Naruto como um sujeito incapacitado, o que o transformaria em alguém passivo e, conseqüentemente, tornaria o cuidado uma ação assistencialista de caridade.

Nesse sentido, Minata não impõe, mas propõe a atividade para seu filho, adotando uma prática pedagógica que respeita a autonomia e a liberdade do outro: “[...] uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 2010, p. 107).

Isso se confirma na declaração seguinte de Minata, feita enquanto ela observava e analisava a distância entre Naruto e os pinos: “*Vou começar a contar, hein? Quando chegar no seis você joga, está bem?*”. Esse gesto demonstra seu cuidado em criar uma atividade pedagógica compatível com as limitações do filho, mas sempre considerando o talento de Naruto e sua capacidade, ainda que limitada pela cegueira, de resolver os problemas propostos. Afinal, “para educar uma criança, é

preciso estudar seus gostos e suas aversões; avaliá-lo tanto nas brincadeiras como no seu trabalho” (BADINTER, 1985, p. 256).

Depois disso, Naruto jogou a bola. Ao ver algumas garrafas caindo no chão, Minata gritou animada e autenticamente feliz: *“Nossa, Naruto! Uau... Como você é rápido, meu herói!”*. Na sua narrativa, podemos perceber que ela reconhece seu filho como um verdadeiro herói do cotidiano, um sujeito que resiste tal qual a mãe que o ensina. Por sua vez, a animação de Minata, que traz à tona sua expressividade corporal e seu afeto, revela o que há de mais significativo no campo educacional não escolar: o valor de uma proposta pedagógica que não está focada exclusivamente na cognição e na compreensão de conteúdo, mas que estimula a alegria e a descontração.

Aqui, a alegria ajuda a romper padrões estabelecidos, assumindo “o risco necessário para desbravar novas fronteiras” (MAY, 1987, p. 288). O jogo de boliche, nesse caso, é uma forma de transcender o cotidiano de injustiças e de precariedade no atendimento público de saúde, contornando o problema através de uma prática lúdica. Ao mesmo tempo, Minata em nenhum momento se coloca como uma super-heroína, uma “salvadora” que vai resolver todos os problemas do filho.

Ao contrário, ela faz questão de se mostrar humana, demasiadamente humana: assim, diante da demora no atendimento, problema que ele é incapaz de resolver, resta apenas criar uma atividade pedagógica que contorne essa situação. Longe de ser um sinal de passividade ou conformismo, a prática pedagógica de Minata significa a criação de um momento, ainda que breve, em que realidade opressiva pode ser transcendida, um tempo de preparação para um futuro melhor para ambos.

Assim, a prática educacional com o jogo de boliches planejada por Minata para Naruto revelou que ambos possuem uma consciência transformadora, pois demonstraram confiança em sua própria competência para enfrentar os desafios que se apresentam diante deles.

A ação pedagógica de Minata, nesse sentido, é uma ação de resistência, entendida aqui como manutenção de vínculos mínimos necessários à sobrevivência num ambiente hostil, em que o descaso do Estado brasileiro com a população mais pobre torna-se ainda mais crítica com a pandemia da COVID-19.

Nesse sentido, a atitude de Minata não é passiva: com sua prática pedagógica, na medida do possível e aqui e agora, amenizar seu sofrimento e de seu filho e, com isso, anunciar uma existência num mundo menos feio e menos opressivo para ambos:

A superação aqui-agora descrita se aproxima a um transcender o vivido de malogro, mágoa e outros, e que exige do cidadão criar e inventar enfrentamentos, lutas, forças internas, empoderamentos etc., (pró)curando obter algum sucesso (ou sucesso mesmo) nesses duelos de ação. Essas lutas emergem de um herói cotidiano e comum, repetimos, e esse ser comum, como todo ser no mundo, aparece para nós observadores desse modelar, não de um "alguém especial deusificado", mas nascido de "gente como a gente", mergulhada no ordinário - "modos de ser" encarnados, falhos, saudáveis, ensangüentados, desencantados, tristes uns dias, e alegres nos outros, forças e fragilidades, gritos e silêncios, opondo-se às desumanidades e o gritando ativa e potentemente frente às humanidades benfazejas (PINEL, 2004, p. 32).

4. CONCLUSÃO

Dar à luz uma criança com deficiência é um acontecimento repentino. Não existe um aviso prévio, não há tempo para se preparar (BUSCAGLIA, 2010, p. 35).

É de May a afirmação de que a existência se refere ao vir-a-ser, a uma contínua transformação e evolução. Com essas palavras, propomos as “**Considerações finais**” deste ensaio científico, que pretendeu descrever compreensivamente uma prática pedagógica realizada por uma mãe no pátio de um hospital junto a uma criança cega devido uma doença crônica e que se encontra em atendimento hospitalar em meio à pandemia da COVID-19.

Nesse percurso, pudemos compreender que o ser humano existe em movimento, (re)construindo os caminhos que trilha e sendo construído por eles, um ser capaz de fazer escolhas dentro de um mundo que é dado e que, nesse processo, tanto modifica quanto é modificado, tornando-se, assim, uma presença no mundo:

O ser humano é um ser-no-mundo; existe sempre em relação com algo ou alguém e compreende as suas experiências, ou seja, lhes atribui significados, dando sentido à sua existência. Vive num certo espaço e em determinado tempo, mas os vivencia com uma amplitude que ultrapassa estas dimensões objetivas, pois consegue transcender a situação imediata; seu existir abrange não apenas aquilo que é e está vivendo em dado instante, mas também, as múltiplas possibilidades às quais encontra-se aberta a sua existência (FORGHIERI, 2014, p. 51).

Como este ensaio procurou descrever, torna-se necessário compreender que a educação é um processo de participação, orientado pela construção conjunta do conhecimento entre educador e educandos. Dessa forma, é possível estimular o desenvolvimento pleno do aluno, pois “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo responsabilidades de suas ações” (FREIRE, 2015a, p. 91).

Diante disso, nossa intenção neste ensaio foi desvelar a potência do fenômeno Minata como mãe de filho com deficiência, engajada em um processo de libertação permanente tanto de si quanto de seu filho, sem a qual não há possibilidade de realização pessoal: “liberdade é a possibilidade de ‘realização pessoal’, uma vez que a dignidade humana está baseada na liberdade e a liberdade na dignidade humana” (MAY, 1987, p. 23).

Sua atitude de jogar boliche no pátio do hospital torna um ato de resistência contra as injustiças, uma atitude ético-política de luta, pois demonstra uma consciência “sempre desperta à inteligência do novo” (FREIRE, 2000, p. 30). Encerramos com essa citação de May, que descreve de forma precisa aquilo que, na prática, percebemos ao observar e analisar a atividade pedagógica de Minata:

[...] a única característica do ser humano é a vasta esfera de possibilidades em qualquer situação, que por sua vez depende de sua autoconsciência, sua capacidade de percorrer em imaginação os diferentes caminhos para reagir diante de uma determinada situação (MAY, 1988, p. 164).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão:** fenomenologia da situação de psicodiagnóstico: compreensão humana e ajuda ao outro. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais:** um desafio ao aconselhamento. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica:** fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2014.

GORKI, Maxim. **A mãe**. Tradução: Sérgio Persky e Augusto de Lacerda. S/c: Zero Papel/ Edições Digitais, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015b.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015c.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015d.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneiro Thompson Learning, 2002.

MAY, Rollo. **Psicologia existencial**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

_____. **Liberdade e Destino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **A descoberta do ser**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceitos de Mundo e de Pessoa em Gestalt-Terapia – Revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 1997.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes e uma educação social: cinema, educação e existencialismo**. Vitória: Ed. do Autor, 2004.

_____. A pedagogia hospitalar Brasil-Portugal: esboçando algumas pistas para o entendimento. In: PINEL, H.; SANT'ANA, A. S. C.; COLODETE, P. R. (org.). **Pedagogia hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Teresina: EDUFPI, 2015a, p. 80-83.

_____. **A pedagogia hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico-existencial**. Teresina: EDUFPI, 2015b.

_____. **Os “modos de ser sendo junto ao outro no mundo”**: filosofia, psicologia e educação. São Paulo: Clube de autores, 2017.

_____. Prefácio: o ser de uma professora pomerana, sua pesquisadora e o próprio orientador. In: PINEL, Hiran; COSMO, Marciane. **Memórias, experiências e sentidos de ser professora pomerana**. Curitiba: Appris, 2018.

ANEXO 1:



Fonte: Foto do arquivo pessoal dos autores

Sobre os autores:

Hedlamar Fernandes

Professora do curso de Pedagogia e séries iniciais – doutoranda em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivo – Bolsista CAPES. <http://lattes.cnpq.br/9398911742741951>

Hiran Pinel, professor titular - doutor, pós-doutorado.

Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES; Centro de Educação - CE

Coordenador do: Grufei - Grupo de Fenomenologia, Educação (Especial) & Inclusão.

Currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4785953H4>

Membro do: G-PEFE - Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação

